

Jornalismo investigativo: interface lógica, discursiva e comunicacional com software de tratamento de dados jornalísticos ¹

Investigative journalism: logical interface, discourse and communication with journalistic data processing software

Timoteo Batista dos SANTOS JUNIOR ²
Marcelo Marques ARAÚJO ³
Fapemig

Resumo: Os avanços tecnológicos em conjunto com a crescente infraestrutura de base de dados, trazem para o jornalismo investigativo ferramentas que outrora não eram possíveis de serem imaginadas pelos profissionais da área. Este paper pretende apresentar as diferentes graduações de importância que o jornalismo de dados oferece para a pesquisa e situação investigativa dentro das dinâmicas das práticas jornalísticas do cotidiano. Além de apresentar os paralelos entre a investigação e o gerenciamento de dados, o paper pretende apresentar uma pesquisa pautada na criação de um broadcasting para auxiliar no tratamento de dados no grande âmbito das universidades federais e o uso de softwares similares ao proposto que já estão sendo usados para apoiar reportagens investigativas feita pelos estudantes de jornalismo.

Palavras-Chave: Broadcasting. Dados. Investigativo.

¹ Trabalho apresentado no III Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, realizado na Universidade Anhembi-Morumbi, cidade de São Paulo, entre 23 e 25 de junho de 2016.

² Graduando do Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, E-mail: tbsjunior@gmail.com

³ Professor no Curso de Jornalismo e no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Comunicação, Educação e Tecnologias da Universidade Federal de Uberlândia, Doutor, Orientador do Projeto, E-mail: marcelo.araujo@ufu.br, www.especializado.jor.br, <https://www.facebook.com/marcelo.marques.562>, @profmarques, <https://br.linkedin.com/in/marcelo-marques-araújo-72667227>

Abstract: Technological advances together with the growing base of infrastructure data, bring to the investigative journalism tools that were once not possible to be imagined by professionals. This paper aims to present the different degrees of importance of the data journalism offers for research and investigative situation within the dynamics of news everyday practices. In addition to presenting the parallels between research and data management, the paper aims to present research guided the creation of a broadcasting to assist in the processing of data in the large scope of federal universities and the use of software similar to the proposed already being used to support investigative reporting done by journalism students.

Keywords: Broadcasting. Data Journalism. Investigative Journalism.

.....

1 Jornalismo de dados: uma ponte entre tecnologias e tradições

O que faz o jornalismo de dados diferente do restante do jornalismo? Talvez sejam as novas possibilidades que se abrem quando se combina o tradicional "faro jornalístico" e a habilidade de contar uma história envolvente com a escala e o alcance absolutos da informação digital agora disponível. (BRADSHAW, 2014)

Atualmente o jornalismo digital está integrado a sua terceira geração, ou terceira onda, como classifica Larry Pryor (2002). Nesta geração pautada pelos crescentes dinamismos e mudanças recorrentes de plataformas, como laptops, smartphones e *gadget* cada vez mais sofisticados e presentes em todos os instantes da nossa vida, o sentido cultural absorve severamente todos os produtos tecnológicos inseridos e difundidos em nosso meio. A mudança de paradigma que o movimento tecnológico pós anos 90 subordinou a sociedade contemporânea, tornou o homem em um recorrente usuário e dependente dos meios de comunicação bilaterais, como computadores, mingando com suas relações unidirecionais, como por exemplo com as mídias de massa, observa Santaella (2003). A presença cultural dos meios tecnológicos baseados fortemente nos conceitos de "tecnologia da informação" (T.I.) estão extremamente ligados com a ausência de dinâmicas que os meios de comunicação de massa não eram capazes de proporcionar para suas audiências. Com a expansão rápida da WEB 2.0, na qual o usuário se assume de vez enquanto parte de um acordo bilateral, onde, é tanto consumidor como produtor de conteúdos, as mídias digitais com plataforma em sistemas e na internet, criaram laços cada vez mais profundos e eficazes com as transformações culturais da pós-modernidade.

Junto com advento precoce do jornalismo digital e conseqüentemente das tecnologias da informação, o uso de bancos de dados para armazenagem e gerenciamento de conteúdos foi ganhando força no final dos anos 90. É fato que o bom uso dos bancos de dados nos anos mais

recentes, tem garantido o estabelecimento da produção de conteúdo de uma era. Entretanto, a tecnologia usada para o gerenciamento de dados, segundo Levi Manovich, tem garantido a manutenção da cultura, sendo a principal forma de expressão na era da informática.

O banco de dados é um complexo de armazenagem de formas culturais, constituindo-se no centro do processo criativo ou na principal forma de expressão cultural da era dos computadores e podendo ser trabalhado a partir das possibilidades de criação de novos gêneros e narrativas. (MANOVICH, 2003 apud BARBOSA, 2004, p.461)

O papel do jornalista enquanto historiador de uma época, tem perdido cada vez mais sua essência com o passar do tempo. Os questionamentos de Michael de Certeau trazem cada vez mais a tona a efemeridade das relações do jornalista com a história do seu tempo. A constante de informação e a forma com que os dados são tratados fazem do jornalista um reprodutor de conteúdos, descreditando a ele uma importância de gerente da história, como de fato deveria ser.

O historiador não tem tanto em conta, para a averiguação da importância de um determinado acontecimento, o seu interesse para o público, mas o facto de ele ter sido objecto do trabalho de sedimentação que o tempo provocou, a partir nomeadamente da ponderação dos seus efeitos. O jornalista, por seu lado, não tem ainda ao seu dispor este trabalho do tempo sobre os factos que narra para apreciar a sua importância; parte antes do pressuposto de que o público tem interesse em os conhecer. É por isso que, enquanto o historiador trabalha com factos históricos, o jornalista transforma os factos ocorridos em notícias, em factos dignos de nota (RODRIGUES, 1996, p. 58).

Rodrigues observa bem como muitos dos próprios jornalistas em atuação tratam suas profissões, tanto no mercado de trabalho quanto dentro da academia. O papel do jornalista pós advento das mídias digitais e dos bancos de dados interativos, tem se agravado no quesito profundidade de conteúdo e apuração de informações. Entretanto, observa Manovich que o papel dos bancos de dados e sua deturpação e associação com conteúdos inconsistentes dentro do mercado jornalístico, não estão em sintonia com o real valor desta ferramenta.

Para Manovich (2003) os bancos de dados deveriam ser usados e pensados de uma forma que acrescentasse ao trabalho jornalístico, sendo possível a observação da criação de novos gêneros e novas narrativas da informação a partir dos conteúdos disponíveis através do bom gerenciamento destes bancos de dados.

O uso dos bancos de dados de maneira correta, para Manovich, poderia gerar novas funcionalidades para essa ferramenta. Vale, sim, ressaltar os pontos coligados por Manovich e

sua importância para creditar às bases de dados funcionalidades grandiosas nas questões ligadas a linguagem ou a semântica. Porém, não só a estes pontos, o uso correto dos bancos de dados de informação, poderiam ser ligados e melhorados. Um exemplo das modalidades de jornalismo que poderiam corriqueiramente fazer bom uso desta ferramenta é o jornalismo investigativo.

A pauta de trabalho do jornalista investigativo varia de profissional para profissional. A construção desta plataforma de trabalho que cada jornalista detém, é chamada por Montserrat Quesada (1987, p.84) de “metodologia de trabalho”. Para Sequeira, o jornalismo investigativo não se diferencia das outras modalidades da profissão pela construção do texto e pelo apoio gráfico ou imagético, e sim pelas estratégias utilizadas pelo profissional, pelas técnicas de apuração e pelo seu estilo de trabalho como um todo.

O simples fato de um texto jornalístico conter cifras, estatísticas, porcentagens econômicas, documentação e declarações não o define como jornalismo investigativo, já que todas essas informações podem ter sido obtidas de uma fonte oficial, extraída de documentação ou entregue em forma de press-release. “Só no momento em que o repórter passa a utilizar técnicas e estratégias que não fazem parte da rotina dos trabalhos jornalísticos de atualidade a reportagem se transforma em reportagem investigativa”. Essas palavras vem ao encontro da definição de jornalismo investigativo do repórter Antonio Carlos Fon: “Jornalismo investigativo é uma técnica, que se pode aplicar em qualquer matéria, seja ela de esporte, de polícia ou de economia”. (SEQUEIRA, 2005 p.74)

O jornalismo de dados, em sua forma mais eficaz, vem de encontro ao jornalismo investigativo. O avanço dos bancos de informação e sua cada vez maior expansão e acesso aos jornalistas surge para facilitar o emparelhamento de informações e a decodificação de conteúdos por parte dos jornalistas investigativos.

O espólio de conteúdos que o jornalismo de dados oferece aos “investigadores” não vai de encontro a efemeridade ou as formas da atualidade de se fazer jornalismo. A visão que o jornalismo de dados tem de si mesmo, é uma visão de apoio mútuo para os diversos profissionais da área.

O determinismo tecnológico de Manovich, embora possa ser criticado, restabelece uma conexão com o futuro que muitas vezes é esquecida em detrimento das bases do jornalismo digital ainda estarem enraizadas no jornalismo impresso.

Para Suzana Barbosa a visão de Manovich dos bancos de dados em uso no jornalismo traz à tona uma nova visão para a área.

(...) pode-se pensar na ideia dos bancos de dados inteligentes e dinâmicos como agentes com capacidade de produzir rupturas e, até, de se constituírem como uma metáfora apropriada para trazer nova luz no sentido de se superar a metáfora do jornal impresso que, desde os primeiros anos de experimentação do jornalismo no suporte digital até agora, permanece sendo a mais empregada pelos mais diferentes tipos de sites noticiosos. (BARBOSA, 2004 p.463)

Não obstante dos bancos de dados e do próprio jornalismo de dados, o bom tratamento das informações armazenadas nestas ferramentas tem sido um dos grande vilões para profissionais que pautam seu trabalho no jornalismo investigativo ou especializado.

A armazenagem de conteúdos tem se mostrado eficaz desde os anos 70 nos Estados Unidos e Europa, e nos anos 80 no Brasil (BARBOSA, 2004 p.463), entretanto, o tratamento das informações e a criação de ferramentas para que possa haver uma eficiente “garimpagem” de dados dentro destes bancos de conteúdo, mostra-se cada vez mais fraca e falha.

Em contrapartida a esta onda de deficiência observada dentro do gerenciamento de dados geral, o jornalismo de dados vem traçando rotas pioneiras dentro do tratamento de conteúdos para os diversos fins aplicáveis a profissão: inclusive o jornalismo investigativo. Desta forma, a vasta oferta de softwares de tratamento de dados usados para o jornalismo especializado, vem ganhando força também com o jornalismo investigativo.

Não é de hoje que programas que tratam bancos de dados de informação são usados no mercado jornalístico. Softwares como o AntConc 3.4.0 são alternativas que jornalistas vem adotando para aprofundar suas informações e trazer formas e conteúdos diferenciados para o público.

2 Tratamento de dados e as funções no jornalismo investigativo: o caso dos Fundos Estruturais Europeus

O jornalismo investigativo, assim como todas as modalidades de jornalismo tem por função principal conscientizar a sociedade sobre o seu papel dentro da própria sociedade, assim como alertar dos grandes problemas estruturais e sociais que cada povo ou nação podem enfrentar. Dentro do jornalismo investigativo, a missão de contemplar a sociedade com aquilo que possa ser justo e digno da mesma, é levado ainda mais a sério. É papel principal do jornalista

denunciar e trazer a tona fatos que as engrenagens da própria sociedade não são capazes de trazer a superfície.

Um dos casos mais importantes que abrangem tanto o jornalismo investigativo quanto o jornalismo de dados, aconteceu na Europa em 2010. Uma parceria entre o jornal *Financial Times* e uma organização sem fins lucrativos composta por jornalista e denominada *Bureau of Investigative Journalism (BIJ)*, investigou por mais de nove meses os Fundos Estruturais Europeus, na tentativa de achar furos e desvios de recursos. O foco principal da investigação era averiguar as aplicações do dinheiro. Os Fundos Estruturais Europeus é um dos maiores fundos de subsídios disponíveis na União Europeia, mas nem por isso sua transparência era absoluta. Após os governos serem obrigados a abrir os dados do Fundo ao público, uma equipe composta por vários jornalistas e um programador fizeram a garimpagem, análise e tratamento dos dados.

Dentro de todas as etapas que a equipe de investigadores enfrentou, a importância do jornalismo de dados em sintonia com o investigativo, fica claro e evidente. Isso era evidenciado na garimpagem de dados, que era dificultada pela forma como as autoridades disponibilizam as bases na internet; no tratamento dos dados, também dificultado pela presença de linguagens disparens entre as bases; na forma que os dados foram processados e organizados dentro de uma grande base SQL e finalmente na checagem, rechechagem e nas análises propriamente ditas, que levaram os investigadores jornalistas a denunciarem um rombo milionário nos Fundos Europeus onde parte do dinheiro não estava tendo o fins determinados por lei.

Inspirados na forma como o *Bureau of Investigative Journalism (BIJ)* faz uso do jornalismo de dados para traçar investigações complexas, e da forma como Manovich apresenta as funções dos bancos de dados e sua importância para a manutenção e perpetuação de uma era, surge a proposta da criação de um *Broadcasting* pautado nas questões referentes a Universidade Federal de Uberlândia. Este *broadcasting* será criado durante o processo de iniciação científica e irá coletar toda e qualquer informação que traga como referência, como nota, como nome ou como citação, a UFU.

O processo de amadurecimento desta ideia, passa, em partes, pelo mesmo processo vencido pelos jornalistas do *Financial Times* e do *Bureau of Investigative Journalism (BIJ)*. Além da criação de um software que seja capaz de ser um *broadcasting* gerenciador e *garimpador* de

informações referentes a UFU, a manutenção de dados, a sintonia de linguagens e as formas de análise e prática deste conteúdo são desafios a serem superados.

A ação do *Bureau of Investigative Journalism (BIJ)* no caso dos Fundos Estruturais Europeus serviu também como base da confecção da matéria investigativa que também embasa este artigo e que foi produzida para o Jornal Laboratório da UFU. As formas e persistência da garimpagem de dados, o teor da informação enquanto contestadora do seu tempo e principalmente o uso de softwares para traçar perfis sobre o tema investigado, foram de extrema importância para a o produto final da reportagem.

3 Tratamento de dados: o AntConc

Um dos softwares estudados e analisados como similar ao produto proposto neste ensaio, é o AntConc. O software é um concordanciador, ou seja, um programa capaz de listar concordâncias de uma determinada palavra ou frase dentro de um universo infinitamente maior. O programa é estudado como similar dentro da proposta de um novo e inovador broadcasting.

O programa, que é livre, é usado em diversas finalidades, uma das mais recorrentes é na prática jornalística. Além de pautar uma inspiração para a criação de um mecanismo de sistema de dados, o AntConc também foi de fundamental importância par a construção da reportagem investigativa produzida para o Jornal Laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, “UFU sitiada”. O uso do concordanciador foi fundamental para a garimpagem de conteúdo e na confecção da matéria, provando mais uma vez a importância do bom uso do jornalismo de dados nas práticas jornalísticas gerais, com ênfase na jornalismo investigativo.

4 Jornalismo de dados e a investigação na prática acadêmica

Realizar uma matéria jornalística investigativa para um jornal laboratório já é por si só um grande desafio. Quando esta matéria faz duras e justas críticas contra a própria instituição onde o jornal está instalado, os desafios se tornam ainda maiores e mais complexos. A matéria "Ufu Sitiada" foi uma reportagem investigativa publicada no Jornal Senso Incomum da Universidade Federal de Uberlândia. A reportagem demonstra em fatos e versões o clima de medo, desespero

e insegurança que ronda o Campus Santa Mônica da UFU. Baseado em diversos relatos, a reportagem apurou as denúncias apresentando as versões e as verdades por trás das histórias veladas de assédio sexual, uso e venda de drogas por servidores e casos de overdose.

A "crítica institucional" nunca é bem vinda em nenhum meio, dentro de uma universidade não é diferente. Tecer as investigações, conversar com fontes sigilosas dentro da instituição, requerer confirmação de altos escalões administrativos foram desafios superados através de três legítimos meios: pesquisa, persistência e verdade.

Através deste três pontos chaves para qualquer reportagem investigativa, o material tomou forma e se tornou completo, literário e instigador. Apesar dos cortes do editor, comuns no meio jornalístico, a matéria ainda obteve teor crítico e atual, questionando o modos de agir das autoridades da universidade e suas ideologias intrínsecas ao meio acadêmico que reflete diretamente na segurança dos alunos.

(...) o exemplo do ex-editor executivo do jornal *The New York Times*, Joe Lelyveld, que exigia dos repórteres e editores que se fizessem duas perguntas antes de utilizar uma fonte anônima numa reportagem: quanta informação direta a fonte anônima tem dos fatos e qual o motivo, se houver algum, que levaria a fonte a enganar o repórter, dourando a pílula ou escondendo aspectos importantes que podem alterar a melhor percepção da informação. Só depois de respondidas essas duas perguntas, as informações poderiam ser usadas pelos jornalistas. (KOVAKH e ROSENTIEL, 2003 p. 141 apud SEQUEIRA, 2004 p. 88)

O envolvimento do repórter com fontes sigilosas, até dentro de um jornal laboratório, está sujeito a extremos cuidados, como descritos por Kovakh e Rosentiel (2003). A descrição da história de Joe Lelyveld ilustra bem as dinâmicas que um repórter investigativo precisa encarar todos os dias. Na construção da matéria "UFU sitiada" para o jornal laboratório *Senso Incomum*, além das dificuldades de se trabalhar com fontes sigilosas, outro ponto bastante importante diz respeito a formação e amadurecimento da matéria.

A denúncia que o jornal laboratório recebeu de que servidores estariam financiando o tráfico de drogas dentro da instituição foi tratada com o maior cuidado, respeitando sempre os direitos da fonte de permanecer no anonimato. Trabalhar neste tipo de configuração é uma experiência totalmente nova para qualquer estudante de Jornalismo. Observar os perigos de vazamento inerentes as dinâmicas do cotidiano, estudar as formas de tecer das melhores maneiras as falas da fonte e garantir que nada saia do controle ou seja publicado com erros, garante ao estudante experiência digna dos melhores focos do mercado de trabalho jornalístico. Um dos maiores dilemas quando se trabalha com fontes sigilosas, é garantir a veracidade das informações

transmitidas por ela, para tanto foi necessário questionar autoridades da universidade sobre as informações da fonte sigilosa, a fim de o embate entre as informações oficiais e as sigilosas. Desta forma as autoridades questionadas optaram por recuar com as informações oficiais e/ou criar uma terceira via que não descartaria as informações transmitidas pela fonte anônima. Para um jornalista que se coloca na posição de “investigador” ainda na graduação, o amadurecimento de uma ideia pautada em uma denúncia, leva um tempo superior ao tempo costumeiro no mercado para criar corpo e amadurecer. A “metodologia de trabalho” proposta por Quesada é ainda mais fundamental para gerir bem as engrenagens que sustentam o fazer jornalístico investigativo. Um bom plano de trabalho, de entrevistas e de investigação fazem a diferença na apresentação do produto final. Para tanto ter consciência do fazer jornalístico - seja investigativo ou não - é de extrema importância para diferenciar as práticas exercidas durante a confecção da matéria investigativa, e as práticas exercitadas nas matérias de atualidade.

Um dos pontos a serem sempre observados, é a questão que remete diretamente as fontes. Teóricos como Nilson Laje (2001. p.62-71), já teorizaram sobre fontes, e seus conceitos sobre tal são de bom uso para as separações na hora de tecer uma reportagem investigativa. Ainda segundo Quesada, é importante para o jornalista investigativo observar o limiar da sua ação, desta forma podendo traçar suas performances como investigativa ou não. Ter bom conhecimento das divisões de fontes proposto por Laje é fundamental para diferenciar o fazer jornalístico investigativo, do papel de atualidade do jornalista. Isso ocorre devido aos vários níveis de fontes proposto pelo pesquisador. Outro fator que pode ser considerado de extrema importância para a confecção da matéria citada, e que se estabelece como foco deste ensaio, é o uso do software de tratamento de dados AntConc.

5 Considerações finais

O jornalismo investigativo, embora faça parte de uma vasta tradição de formas de trabalho e ferramentas, ganha um novo e poderoso aliado as suas práticas: o jornalismo de dados. O apoio que o tratamento de dados e o bom gerenciamento de conteúdos tem acrescentado ao jornalismo especializado é um bom exemplo dos novos paradigmas que este recurso pode agregar a investigação jornalística.

Compreender o papel do jornalista enquanto historiador do seu tempo, compreender o uso das técnicas de armazenagem e principalmente das formas de tratamento da informação é, antes de tudo, aceitar os bancos de dados jornalísticos não mais como meros “estoques de informação”, mas sim como grandes ferramentas perpetradoras da histórias, uma forma concreta do jornalismo se consolidar como agente do seu tempo.

A confecção da matéria “UFU sitiada” toma como base este argumento baseado em Manovich. Entender os fatos que perpassam as dificuldades de uma universidade federal, compreender seus dilemas ideológicos e principalmente buscar apoio humano para a história se consolidar, é tratar o fazer jornalístico e a garimpagem de dados como um artifício histórico. O momento ideológico e as formas como essa ideologia afeta diretamente a segurança da instituição federal poderá ser lembrado pela matéria que contextualiza a história de forma humana e clara, onde a mesma foi confeccionada utilizando bases de conteúdos inerentes ao jornalismo de dados.

O uso de softwares de base livre, como o o AntConc tem ajudado e difundido cada vez mais as bases de dados para diversos jornalistas sejam eles investigadores ou focados em alguma área do especializado.

Para tanto, a proposta de criação de uma interface de broadcasting que seja capaz de interligar conteúdos relacionados ao nome da Universidade Federal de Uberlândia, como proposto pela Iniciação Científica e aqui apresentado, pode ser eficiente para compreender fenômenos relacionados a instituição que não estão sendo armazenados ou sequer compreendidos, como por exemplo os dilemas burocráticos que envolvem a aquisição do terreno Capim Branco pelo governo federal, em contrapartida com a possível doação do terreno do campus Glória.

Referências bibliográficas

PRYOR, Larry. “The third wave of online journalism”. Online Journalism Review, 18/ abril. In: www.ojr.org/ojr/future/1019174689.php . Acesso em 28/5/2016.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O discurso mediático. Lisboa: sem editora. 1996.

MANOVICH, Lev. The language of new media. Cambridge: MIT Press, 2001.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

QUESADA, Montserrat. *La Investigacion periodística* - El caso español. Barcelona: Editora Ariel, 1987

SEQUEIRA, Cleofé Monteiro de. *Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia*. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

LAJE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001

BRADSHAW, Paul. Manual do jornalismo de dados. Disponível em: <http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao_0.html>. Acesso em: 12 de Junho de 2016.

BARBOSA, S. *Jornalismo digital em base de dados (JDBD): um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos*. 2007. 331 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2001.

KOVACH, Bill. ROSENTIEL, Tom. *Os Elementos do Jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.